

Cadê a grana?

Faltando pouco mais de 15 dias para a eleição, o PFL brasiliense está enfrentando uma crise financeira até então desconhecida por seus candidatos. Segundo admitiu ontem o coordenador da campanha do partido, Paulo Goyaz, o caixa pefelista está "absolutamente vazio" e os candidatos já foram convocados a buscar doações que garantam a reta final da campanha.

José Carlos Romancini, assessor de propaganda da Frente Liberal, preferiu criticar a legislação eleitoral que determina os limites dos gastos partidários: "As quantias são irreais, tanto que a própria Justiça concordou, no Rio de Janeiro, em aumentar de Cz\$ 5 para Cz\$ 67 milhões os custos da campanha fluminense".

Aos que atribuem a quebra pefelista à falta de colaboração financeira do candidato Antônio Venâncio, que estaria contribuindo menos que o esperado para o caixa do partido, o filho do candidato garante que seu pai cumpriu com todos os compromissos assumidos com o PFL: "Para onde foi o dinheiro é que ninguém sabe", reagiu Venâncio Júnior.

MANOBRA

Atribuindo a uma manobra do PMDB as notícias de que a Frente Liberal seria o partido que mais gasta na campanha, Paulo Goyaz estranhou que o peemedebista Maerle Ferreira utilize o seu programa eleitoral apenas para criticar Osório Adriano e Antônio Venâncio, ambos do PFL, por gastos excessivos. "Propositalmente, ele esquece de citar Lindberg Aziz, Meira Filho, Pompeu de Souza e Newton Rossi", ironiza o coordenador pefelista.

"Quem gasta mais é o PMDB", denunciou Goyaz, argumentando que cada um dos comícios peemedebistas, incluindo o transporte de eleitores, custou pelo menos Cz\$ 300 mil, "isto sem falar na produção de 44 minutos diários de que o partido dispõe no horário de propaganda gratuita".

Embora garantindo que a Frente Liberal está "absolutamente dentro do limite gastos estabelecidos pela Justiça Eleitoral", o coordenador pefelista criticou a legislação que proíbe as empresas privadas de contribuir com os partidos, enquanto os candidatos são impedidos de gastar seu próprio dinheiro na campanha. Goyaz também sugere que o TRE passe a custear as despesas com produção dos programas eleitorais, aproveitando para ridicularizar o fundo partidário: "É uma piada. Basta dizer que o partido recebeu menos de Cz\$ 2 mil este ano".

José Carlos Romancini, por sua vez, tem uma preocupação concreta em relação ao dia da eleição: "Como é que a Justiça espera que arregimentemos cinco mil fiscais para o trabalho de boca de urna sem contar com o mínimo de recursos?", indaga o assessor do PFL, lembrando a necessidade de que os fiscais sejam ao menos alimentados durante o seu trabalho.

ONDE ESTA O DINHEIRO

O filho e assessor do candidato Antônio Venâncio da Silva, Venâncio Júnior, evitou comentar as finanças do partido, argumentando que nem conhece o tesoureiro pefelista: "Quem deve falar sobre isso é o Osório (Osório Adriano, presidente do PFL). É ele quem assina tudo, contrata e demite".

Venâncio faz questão de contestar, contudo, as queixas de setores pefelistas quanto à participação financeira de seu pai na campanha do partido: "Ele cumpriu todos os compromissos que tinha com o PFL. Para onde o dinheiro foi é que eu não sei".